

## MEU CASO DE LIXO

Hiran Firmino

Ali só vão os caminhões da cidade grande para atirar montes de imundícies sobre as outras montanhas de lixo que vêm crescendo há anos. “Moço, por favor. Não deixa que eles tirem nosso lixo não, senão a gente morre de fome”. Também ali falta água. O único recurso é comprá-la num depósito próximo à Rua das Pedreiras. A lata, de 20 litros, custa 30 centavos e o tambor de 200 litros, dois cruzeiros. “Uma lata de 20 litros dá pro gasto, pois meus filhos não toma banho. Pra que tomar? E o nosso serviço heim, seu moço?”

Assim é que a população que vive junto à Rua das Pedreiras, respirando os gases provocados pela decomposição da serra de detritos, sugada pelos pernilongos em nuvens espessas, tirando daquela sujeira a sua própria sobrevivência.

São cento e poucos o número deles por dia, os caminhões. As toneladas de lixo, trezentas. Bandos de urubus disputam os restos da cidade naquele alto de morro, em Sabaiana. Querem destruir Sabaiana. Todos querem. Mas Sabaiana é forte, é um ciclo inevitável. Como sempre ela apenas acompanha sua sina e seu ciclo, agora de decadência. Ela é pobre como a própria vida que as pessoas levam ali. Tem uma pequena população somada de um lado e de outro da Rua das Pedreiras, além dos que ainda estão para nascer.

Gerada do lixo, princípio e fim do ciclo, Sabaiana é um vilarejo, serventia de entulhos e despejos, de lá, onde risos

e latas cheias pedem para partir. Seu fundador é Teco Ramilo, o vingador. Por suas mãos, uma quantidade enorme de cacos de vidro, papéis e papelões e principalmente latarias voltam à cidade. Teco Ramilo é aquele homem que não consegue levar a vida suja, sujo durante muito tempo. Aí a razão da imunda Fricoteira e do primeiro barraco de Sabaiana. Eles não têm filhos e é Fricoteira mesma quem diz: “Os filhos fazem muita falta, pois aqui todo mundo se ajuda. Quanto maior a família, mais dinheiro”.

Mesmo assim, Teco Ramilo tem uma posição de destaque em Sabaiana, pois só ele recolhe madeira e caixas de papelão o que lhe dá um bom lucro. “Eu custei pra sair do papel. Agora tô na madeira. Pergunta só pra Fricoteira a dificuldade que isto trouxe pra gente”. Em Sabaiana existe, de fato uma diferenciação social e até hierárquica entre os catadores de lixo. Há os catadores de comida, latas, papel e os de metal. Estes são os que ganham mais dinheiro e têm conta no buteco do Caveira. São eles os aristocratas do vilarejo.

Mas é a chuva agora que custa a passar. Todos que se arriscam a sair dos seus barracos, caem, enroscam-se e envolvem-se em tanta porcaria que parecem pequenos depósitos de lixo ambulantes. Muita lama e o barulho dos caminhões basculantes descarregando o mesmo tanto de sujeira e esperança. Todos estão mudos ou surdos. Acaba de morrer mais um debaixo dos caminhões. Ninguém dá atenção, pois a ambição é maior e as podridões as mesmas.

Hoje faz um incrível lamaçal e o sol está preguiçoso e desacreditado como nunca. Teco Ramilo está surpreendido pela verdade. Ele descobriu a traição de Fricoteira com o Joca, o Dondinho, Procópio e o Totonho, este seu melhor amigo. Ele divide calmamente as latas, os trapos, os barrís, enfim, todo o lixo que ambos construíram com tanta necessidade. Todo mundo é convocado para testemunhar o ocorrido, outra vez. Sabaiana, perversa, parece cidade grande. O sol continua e o pessoal com roupas menos encardidas busca chapéus e paletós há muito guardados. Teco Ramilo separa-se de Fri-

coteira como a lama separa-se da água, com toda boa vontade. O pessoal ainda é pouco e Sabaiana se divide também. Colocam barris de óleo queimado, em fila, e uma cerca de arame farpado no meio da Rua das Pedreiras. Sabaiana passa a ter agora duas partes.

Teco Ramilo fica com a maior parte dos homens, 17 crianças, e três porcos, uma galinha preta e um galo. Fricoteira ganha a simpatia das mulheres, das meninas, dos passarinhos e de três porcos. Ela fica com menos gente, mas num instante a diferença termina devido aos seus romances contínuos nas madrugadas, sob os papelões úmidos e os pneus cheios d'água.

O sol some, o cheiro continua, a fome molesta como antes e o antagonismo dos dois torna-se alarmante.

O buteco do Caveira é o único da Rua das Pedreiras, cheio de mosquitos e cuspes pelo chão, que é de terra batida. A cerca também o cortou em dois. Numa porta está escrito: "Banho de chuveiro CR\$ 0,70 — Água CR\$ 0,25 — paga na hora". E na outra "temos leite e pão".

"O povo só compra mesmo é água e banho. Leite e pão, não" — diz Caveira, o oráculo de Sabaiana. Mais culto que os outros, ele divulga no buteco a notícia que a prefeitura vai montar uma usina de transformação do lixo. Ele irá acabar. "Por favor, seu moço, nos ajude. Não deixa eles tirar ele não".

Com muita surpresa chega um silêncio preto em Sabaiana e o Caveira é esquecido de novo. Ela é invadida por constantes despejos de resíduos de carvão da nova fábrica instalada na baixada. A poeira é escura como nunca se viu e Sabaiana sorri feliz feito boba. Novas perspectivas e o pessoal mais moreno. Quando os frigoríficos amontoavam vísceras em decomposição, voltavam os lamentos. Aí, Sabaiana chora sim, sozinha. As mulheres então deixam os cabelos cair no rosto e nos homens, os pelos do nariz crescem sem parar.

Só assim se pode viver em Sabaiana. E no alto, nos aviões, nos viadutos e nas rodovias distantes, os burgos proliferam cada dia mais exigentes e Sabaiana encaminha os políticos ao poder, enquanto outros passeiam através das repórtagens,

dos contos, e do dinheiro de campanhas e mais campanhas, Sabaiana continua sozinha, de teimosa, na luta.

Totita nasce e Fricoteira quase morre, tamanho é o susto. Apesar de ter perdido a conta de seus filhos e maridos, o que mais lhe espanta é o fato de Totica ter nascido tão limpa, mesmo na sola dos pés. Com efeito, ela é tão alva, seus olhos azuis por todos são vistos com desagrado. Por isso, é amarrada na trazeira de um caminhão de carvão e lavada com barro e nódoa de bananeira para a paz retornar rapidamente à Sabaiana. Tequinho, que nasce do outro lado do lixo e no mesmo instante, parece saber do acontecido. Igual ao pai, Teco Ramilo, ele não chora, mas no brilho das suas lágrimas que não saem parece saber do triste destino que os aguarda. Têm que esperar 20 anos, uma quantidade imensa de caminhões, e um amontoado de tambores de óleo, papéis sujos, caixas amassadas, plásticos, carniças, fezes e muita fome.

Agora nos 10 anos, Tequinho vale-se dos beijos roubados à noite e dos abraços difíceis entre o arame farpado e o sorriso sincero de Totita. Os dias são mais longos e as noites pequenas, o segredo corre. Somente Fricoteira e Teco Ramilo ignoram a existência do romance proibido.

Tequinho é um homem e Totita é a sujeira mais bonita de Sabaiana, quando são surpreendidos dentro do cesto de palha, que fede a peixe estragado. No meio de tanta sujeira ficam gelados de medo e choram tanto quanto a chuva que pensa em cair. Por sorte, a enxurrada violenta os leva para debaixo da grande cerca, justamente na divisa de Sabaiana. Por isso ficam imunes e o pessoal hesita no linchamento. O ponto simbólico da separação de Sabaiana é sagrado e ultrapassá-lo é morte certa. De um lado, o velho Ramilo vomita tanta zombaria que seu próprio filho treme além do frio que circula. Do outro lado, Fricoteira amassa latas de conservas com os pés e enfia a cabeça na lama. São precisos duas semanas e um pouco de sol para Tequinho falar alguma coisa. Totita só soluça.

Um calor percorre todo o lugar, depois da notícia transmitida por Caveira, que sabia ler e escrever, e que chega correndo: "Mais de 20 empresas nacionais e estrangeiras inscreveram-se na concorrência pública para a construção da usina de beneficiamento do lixo. Quanto aos moradores da Rua das Pedreiras, não existem..."

As mariposas trombam-se no ar e no chão, a sujeira ferve. O mormaço cala o céu e o sono pesado chega. Todos dormem e no mesmo ronco sussuram ao ouvido dos amantes a profecia de Sabaiana:

"Somente daqui a nove meses vocês poderão se encontrar".

O trovão grita no horizonte, o bocejo é geral e a lama volta a ser amassada como antes. Tequinho está no quintal de sua casa, perto de um vaso sem flor e um porquinho pintado. Ainda sonolento, indaga com voz bem baixa: "Totita".

O ronco grave e constrangedor dos caminhões, entretanto, a despejarem mais lixo, não deixa ouvir o canto triste de Totita, do outro lado da cerca, amarrada com latões que lhe penetram na carne.

Ele chora todo aquele tempo e Sabaiana sorri, invejosa. Já agora o mato cresce sem parar. Os porcos engordam, morrem e crescem de novo. Galinhas sem penas e passarinhos só tossindo. A barba do velho Ramilo cresce tanto que as crianças deslizam na lama agarrados nela. As velhas sorriem sem parar, mostrando as gengivas escuras e esquecidas da falta dos dentes. Tequinho se distrai, pois o fedor de uma ossada lhe traz a notícia de que Totita tinha saído à Rua das Pedreiras e gritado que esperava um filho seu. É o bastante para ele sorrir e lhe quebrarem todos os claros dentes. Totita tem os cabelos raspados e a sua comida exposta bem no alto do abacateiro, tal é o ódio de Fricoteira, que agora anda resmungando sobre a muleta de pau. A perna esquerda foi perdida num dia de muitos caminhões.

O tempo voa e Sabaiana torna-se cruel como as grandes cidades. O pouco de amor que ali existia diluiu-se no choro faminto e magro das crianças que só sabem nascer. Após

sete meses, o prefeito, com a cara feia e o nariz tapado pelos seus assessores, que também desaprovam Sabaiana, sobrevoa toda a região. Um pressentimento toma conta de todo o lugar.

Pinhoso é totalmente contra este pressentimento. Ele tem um defeito na espinha que o obriga a ficar sentado o dia inteiro na porta de seu barraco, o penúltimo da Rua das Pedreiras. Ali não existe divisão de cômodos. A cozinha, a cama, tudo fica junto. E sentada num banquinho de madeira, enquanto o pressentimento toma conta lá fora de toda Sabaiana, Diná Samambaia, sua mulher, está esperando forças do céu para ir pro hospital da Santa Casa. Ela já é operada de “baixo bexiga” e “queda do uti”, e agora sua pressão está em nove. Pinhoso é a própria preocupação de Sabaiana, com os maus agouros que antevêm o fim do lixo: “quem não pode acabar nunca é o lixo. A Diná, sabe, é que é muito mole. O lixo não faz mal a ninguém aqui. Meus filhos e os de todo mundo aqui são sadios. Só o povo da cidade é que acha ruim. Eles não moram aqui, né?”

Com dois dias de chuva os tratores atacam e devoram metade do lixo. Sabaiana, agora diminuída, se entristece de verdade, como a chuva miúda que cai. Duas famílias são tragadas e dispara uma luta sem tréguas. Homens, mulheres e crianças a brigarem por qualquer osso ou lata vazia. Aí é que Sabaiana chora feito criança que perde o caminhão das seis, o do mercado central.

Picão, Moemo e Muzambino, como conheciam gente lá da cidade, tentam a fuga e a sobrevivência junto dela. Tudo inútil, preferível não terem acovardado tanto. Picão permanece quase dois meses parado, sem comer, só tossindo, pra morrer grudado num quarto úmido de uma garagem. Moemo tenta entrar na escola e morre louco, gritando em plena avenida “Eu quero aprender, eu...” espremido no bueiro e no pneu. Já o Muzambino volta cabisbaixo, arrependido de tal aventura. Nem por isso é compreendido. Seu fim é triste, apedrejado e jogado no buraco quente.

Muitos em Sabaiana ainda não acreditam no fim do lixo, e nem na fome dos tratores. Catona das Mercês é uma delas. Ela é viúva e mãe de sete filhos, dois deles famosos catadores desde a última peste ocorrida em Sabaiana.

Ela não mora na Rua das Pedreiras, mas para os estranhos ela fala que é de lá: "Eu e meus filhos moramos a vida inteira aqui, catando lixo. No fim do mês, com um pouco de sorte e ajuda de Deus, isto dá até pra tirar uns duzentos cruzeiros. Agora é eu que lhe pergunto, moço. Onde é que eu vou arrumar uma boca dessa se tirarem o nosso lixo, heim? Ninguém pode fazer isso com a gente não, seu moço".

Passa mais um mês e com os serviços de urbanização, o lixo vai sendo diminuído, cada vez mais. Somente a esperança de Tequinho e Totita progride. Nove meses difíceis de passar. O último mês da profecia é contado nos dedos, em todos os dezanove dedos. Fricoteira reparte o pouco de lixo consigo mesma e mata os ratos mais afoitos com barras de ferro. Totita faminta. Do outro lado, o velho Ramilo, cego dos olhos, passa mais fome para não ver morrer tantos outros, pois ele é o fundador de tanta pobreza. Pelo menos, falam por lá. Só por isso. Mas Tequinho sofre sem parar e não é de fome. Com seu isolamento naquela vida à parte, acostuma-se a não mais andar, nem a comer e beber. Sua fome e sede é Totita.

A noite, a lua sai sem ninguém esperar e ao contarem todas as pessoas vivas, são encontradas quatorze. Já não existe mais o lixo. Só camada de cimento sob o lodo das carnes podres. Uma grama recém plantada, muitas placas proibitórias e, mais na frente, a sede da companhia construtora.

Fricoteira ainda insiste, presa aos cabelos de Totita, já crescidos de novo. A cegueira do velho Ramilo procura em vão por Fricoteira que perde as barras de ferro, na tentativa talvez de morrerem como começaram.

É noite do último dia da profecia. Vem tanta chuva que a pavimentação vira lama, os postes tornam-se troncos podres e um cheiro sem procedência retorna ao local. Os dois amantes

soltam-se dos dois defuntos e ansiosos, procuram-se. Tequinho caminha com seus passos doentios para um pequeno resto de lixo, que a prefeitura esquece ali, como de propósito. Em todo ciclo repetia-se este esquecimento.

Sem a cerca e o ódio, começa uma estranha felicidade. Totita com o rosto redondo e a barriga estourando arrasta-se na lama, gemendo com os dedos cravados no chão. Tem os olhos agora escuros e fixos no resto de lixo esquecido.

A chuva cinzenta é tanta que não percebem que o sol e a lua tinham aparecido e partido várias vezes. O beijo forte é o único alimento que recebem antes de morrer. E em cima do pequeno e então despercebido monte de lixo, uma linda criança nasce e sorri, inocente da vida. Mas seus olhos azuis de nada adiantam, pois a brancura da pele e o louro dos cabelos logo vão sumir para dar origem a uma nova Sabaiana...

No chão, no local onde deve ter sido o buteco do Caveira, há um pedaço de jornal: "Segundo informações, os aterros terão uma capacidade para depósito de lixo durante 15 anos, e logo que estejam saturados serão transformados em áreas verdes".